



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DE LEITORES DE POESIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O POEMA *ATOS FALHOS* DE SÉRGIO DE CASTRO PINTO

Gabriela Santana de Oliveira
(Universidade Federal de Campina Grande- UFCG)
gabrielasantana.118@hotmail.com

Resumo:

Neste trabalho, refletimos sobre uma experiência de leitura com o poema: *Atos falhos*, de Sérgio de Castro Pinto, com alunos do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual da cidade de Massaranduba (PB) em 2014. O propósito dessa experiência foi possibilitar o trabalho com a leitura de poesia na sala de aula com o eixo temático voltado para o homem, os sentimentos e o tempo. No que concerne à coleta de dados, utilizamos: diário de campo, gravações das aulas em áudio, registro por meio de fotos, questionários e a página criada no *facebook*. A fundamentação, no âmbito da crítica literária, se pautou nas contribuições de: Barbosa Filho (1989), (2008), Brito (1995), Lima (1968) e Paz (1982). Quanto aos aspectos voltados para o ensino de literatura, tivemos como aporte teórico: Bordini e Aguiar (1988), Colomer (2007), Cosson (2006), (2014), Jauss (1994) Jouve (2002), Iser (1996), Guimarães (2012), Pinheiro (2007), Rezende (2013) e Zilberman (1989). Portanto, os resultados alcançados nos indicam que a partir do momento em que se pensa metodologicamente a abordagem da poesia em sala de aula, com base na leitura dos textos e não na aquisição de um saber sobre a literatura, os discentes conseguem participar mais ativamente da aula, mostrando entusiasmo e interesse diante da presença de temas vinculados às suas vivências pessoais.

Palavras-chave: Ensino de literatura. Estética da Recepção. Formação de leitores. Poesia.

INTRODUÇÃO

O percurso empreendido nesse trabalho resultou de uma vivência com o texto literário em sala de aula, mais especificadamente, em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual da cidade de Massaranduba (PB). É importante ressaltar que essa pesquisa é oriunda de uma dissertação de mestrado¹ que tratou de modo mais detalhado a proposta de intervenção pedagógica, a vivência inicial com a turma, as a aplicação do questionário e os dados coletados durante os encontros.

¹ Esse artigo é um recorte da dissertação: *A recepção da poesia de Sérgio de Castro Pinto no Ensino Médio* que foi defendida em Julho de 2015 no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (POSLE) da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. O trabalho foi orientado pelo professor Dr. José Hélder Pinheiro Alves.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Todavia, é importante ressaltar que a experiência realizada foi advinda de todo um trabalho, de convivência com a obra poética de Sérgio de Castro Pinto, quanto de planejamento da intervenção e vivência com os alunos.

O contato com diferentes poemas que tematizavam o homem e seus dilemas chamou nossa atenção, assim como um encantamento diante dos recursos técnico-expressivos adotados pelo autor. O encantamento e a vontade de conhecer mais a fundo a poética desse paraibano, foram fatores decisivos para a construção do projeto de pesquisa do mestrado, o que nos levou a pensar também na dimensão do ensino. Além das inquietações concernentes ao conceito de lírico e antilírico, pensamos também como poderíamos propor metodologicamente uma abordagem de leitura com esses poemas para a sala de aula.

Nesse sentido, a presença de temas voltados para o ser humano foi uma porta de entrada para que elaborássemos uma sequência expandida que privilegiasse uma experiência de leitura com a obra poética *O Cristal dos Verões* (2007). Apesar de alguns estudos críticos já trazerem discussões voltadas para o lirismo na poética castropintiana, tivemos a curiosidade de saber como se daria a recepção desses poemas no Ensino Médio.

Quando tratamos do ensino da literatura e do trabalho com a poesia na escola, verificamos que ainda há no currículo de literatura a ausência da inclusão de poetas contemporâneos, o que se torna ainda mais visível nos livros didáticos ao priorizarem a história da literatura sem promover a vivência leitora com o texto.

Além desse agravante, temos a poesia como um dos gêneros pouco trabalhados em sala de aula, posto que, ela exige do professor uma leitura mais atenta, assim como metodologias capazes de provocar o interesse dos discentes, justificando, assim, a predileção que a escola tem pela leitura da prosa (PINHEIRO, 2007).

Diante disso, acreditamos que a relevância dessa pesquisa está na busca em privilegiar uma voz da lírica paraibana da contemporaneidade. A nossa vivência leitora enquanto pesquisadora foi crucial para que pensássemos de que modo iríamos elaborar uma proposta de leitura para adolescentes que demonstravam não gostar de poesia.



Nesse sentido, objetivamos, de maneira geral, observar como se daria a recepção dos poemas castropintianos durante a intervenção. Quanto aos objetivos específicos, almejamos: descrever de que maneira a poesia de Sérgio de Castro Pinto tematiza o homem; identificar quais procedimentos técnico-expressivos são recorrentes em seus poemas; promover uma experiência de leitura no Ensino Médio e compreender de que forma os alunos percebem a presença de temas voltados para a dimensão humana na lírica castropintiana.

METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia, em um primeiro momento utilizamos a pesquisa bibliográfica para fundamentar nossas discussões. Para a realização da intervenção em sala de aula, fizemos algumas etapas durante esse percurso, o que compreendeu a vivência com a turma, a aplicação dos questionários, o planejamento da antologia e da sequência expandida, além dos encontros propriamente ditos, no qual lemos e discutimos os poemas de Sérgio de Castro Pinto em sala de aula, encerrando assim, com a produção do mural poético e o sarau.

Durante os encontros organizamos uma antologia com poemas de Sérgio de Castro Pinto, no qual subdividamos esses textos em três módulos temáticos, sendo eles intitulados respectivamente de: *Aproximação com a poesia*, *Sentimentos humanos na poesia de Sérgio de Castro Pinto* e *A brevidade da vida*. Após esse percurso no âmbito escolar organizamos metodologicamente essa segunda parte do trabalho como uma pesquisa-ação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto de intervenção na escola e a recepção dos alunos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em *Poesia na sala de aula*, Pinheiro (2007) tece diversas reflexões em torno da ausência de um trabalho adequado com a poesia na escola. Dentre os diversos gêneros literários, a poesia aparece como um apêndice “no fazer pedagógico da sala de aula” (PINHEIRO, 2007, p. 17).

Embora a tradição literária brasileira tenha vastas publicações de poesia e o PNBE² tenha distribuído para as escolas públicas exemplares de diferentes obras do cânone, a experiência de leitura com a poesia ainda não tem acontecido de forma significativa. Dentre algumas das possíveis causas que corroboram para esse desprestígio, temos a lacunosa formação leitora dos professores como um das principais causas.

Segundo Pinheiro (2007, p. 23), “a função social da poesia” é justamente possibilitar aos discentes “uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar do nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor”. Todavia, para que a função social da poesia propicie esse encantamento no aluno é preciso que ele tenha convivência com a poesia seja através do professor ou em casa. O despertar para o gosto por poesia não nasce ao acaso, se o aluno não lê talvez não seja puro desinteresse, porém a ausência de uma experiência de leitura o faz rejeitar o que desconhece.

Observamos que ao longo da intervenção que os alunos não se intimidaram diante dos poemas. Juntamente com a turma, líamos, relíamos sempre partindo do texto. Tínhamos nossas próprias interpretações a cada poema lido, porém tivemos cuidado para não causar a impressão de que apenas a nossa era a “correta”. E os discentes nos mostraram que também tinham suas percepções, muitas vezes diferentes das nossas, contudo, pertinentes e autorizadas pelos poemas de Sérgio de Castro Pinto.

Criatividade, envolvimento e estranhamento foram encontrados a cada módulo lido, bem como no espaço virtual que criamos para interagir com eles. A experiência como um todo nos mostrou que a recepção dos alunos dependeu também da maneira pela qual as abordagens metodológicas foram planejadas.

² Programa Nacional Biblioteca da Escola.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesse sentido, o trabalho com o texto poético necessita se ancorar na imaginação e na criatividade. Através de uma experiência de leitura adequada, à poesia, pode oportunizar aos alunos a expansão dos seus horizontes de expectativas através do “livre fluxo da fantasia” e do contato com variadas experiências humanas a partir do trabalho com a linguagem presente em textos dessa natureza.

Ler poesia, na ótica de Averbuck (1985), abarca essa interação entre o texto e o leitor, mediante a ampliação do universo da imaginação e da sensibilidade através de todo o trabalho com a linguagem concernente ao poema, bem como as diversas experiências humanas comunicadas pelo poeta.

Desse modo, é importante observar que a função social da poesia vai muito além do ato de ensinar rimas e outras regras da métrica. O seu papel consiste em aguçar no aluno a sensibilidade estética, a imaginação e a criatividade ampliando assim, “o domínio da linguagem” e os efeitos gerados por ela no “universo real”. No que diz respeito ao que a poesia pode propiciar no leitor, Averbuck (1985) discorre que:

Por esta via, se a poesia pode desenvolver a personalidade, formar o gosto e a sensibilidade, possibilitar à criança o falar e o desenvolvimento do próprio “eu”, ela auxilia a compreensão da comunicação do irracional e do incomunicável funcionando como “antídoto” em uma civilização urbana e técnica (AVERBUCK, 1985, p. 68-69).

É essa face de resistência que faz da poesia esse “antídoto” que funciona como produto em série e do estilo de vida voltado para o lucro imediato, conforme discorre Bosi (2000). Por isso, esse caráter patente na poesia revela que ela exerce uma função social, a de romper paradigmas cristalizados por meio das várias “impertinências” que comete com a linguagem (COHEN, 1974).

Quando o ensino de poesia cai no didatismo e na memorização de regras da métrica, a empatia do leitor não é estimulada, pelo contrário, os educandos tendem a se afastar, por não perceberem proximidade entre a poesia e a sua realidade.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

De acordo com Pinheiro (2007, p. 21), muitas vezes o aluno não gosta de poesia porque os procedimentos metodológicos adotados pelo docente não privilegiam uma experiência afetiva e simbólica com o texto.

Contrariamente a esses objetivos, a escola continua a trabalhar inadequadamente a poesia porque tem fortalecido a prática de usá-la apenas como pretexto para inserir conceitos gramaticais, assim como o historicismo nos textos. Uma proposta como essa cai no engano de achar que agindo assim está incluindo a poesia na sala de aula, porém ela não contribui para despertar nos discentes o encantamento diante da dimensão sonora, imagética e semântica que um poema pode permitir.

Portanto, o que faz a poesia ser poesia não se restringe a existência de rimas e outros aspectos métricos por si só, todavia, é o trabalho com a linguagem, conforme discorre Jakobson (1983), que a diferencia de outros textos mais referenciais. Embora o professor ainda se sinta despreparado para levar a poesia para a sala de aula, ele necessita estimular caminhos para a leitura tendo em mente que seja também um leitor.

Desse modo, a função social da poesia só poderá ser alcançada na escola a partir do momento em que a experiência íntima com o texto for prioridade, o que requer do professor o planejamento e a flexibilidade para também estar “atento ao universo de interesse dos alunos” (PINHEIRO, 2007, p. 26).

A recepção do poema: “Atos falhos”

Antes da entrega do poema “Atos falhos”, fizemos a dinâmica *Conhecendo os seus defeitos*. Entregamos folhas de papel nas quais os alunos deveriam fazer um círculo e escrever dentro dele defeitos seus e fora defeitos que se via nos colegas. Alguns sentiram dificuldades em pontuar os seus defeitos e até uma aluna se recusou a participar.

Acreditamos que com essa dinâmica a turma iria interagir mais. Todavia, isso não aconteceu, eles se sentiram inseguros e diziam ser mais fácil enxergar o defeito do



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

outro do que olhar o seu. Dentre os adjetivos mais mencionados, tivemos: “mimado”, “ignorante”, “estressado”, “bagunceiro”, “teimoso”, “chato” e “mentiroso”.

Ao término da dinâmica, conversamos com os alunos e eles nos falaram que foi difícil reconhecer os seus atos falhos, de modo que era mais fácil apontar o do outro. Mesmo com o estranhamento, aproveitamos essa recepção como uma porta de entrada para a leitura do poema. Depois que eles leram silenciosamente *Vi* pediu para ler em voz alta, observamos que, aos poucos, eles iam se sentindo à vontade para ler e debater os textos.

Diferentemente dos outros encontros, a turma estava dispersa em virtude da mudança na direção da escola, no entanto, continuamos a incentivá-los a participarem. Perguntamos de início, o que eles consideravam como ato falho. *Re* respondeu o que indagamos ao falar das consequências de um ato falho de um médico ao receitar um remédio errado ao paciente.

A partir dessa exemplificação. Outro aluno complementou a fala de *Re* dizendo que existiam defeitos justificáveis e outros não, pois segundo ele “cada um causa um dano diferente”. Além desse tipo de ato falho, eles mencionaram que a fofoca e a falsidade eram atos falhos também. Quando eles falaram esses dois defeitos a aluna *Ma* relatou algumas figuras da cidade que apresentavam esses atributos, o que provocou o riso da turma e a descontração da aula.

Mediante esses exemplos, partimos para o poema e questionamos o porquê dos atos falhos se “encenam”. Perguntamos qual força essa palavra tinha no poema, bem como quais sentidos o “camarim” e o “palco” dialogavam com o título. Eles responderam que “encenar” era o mesmo que “fingir”, pois nem sempre as pessoas são sinceras umas com as outras, o que as faz projetarem no outro uma imagem que não corresponde à realidade.

No tocante aos aspectos estéticos, de modo espontâneo, os alunos ressaltavam a presença de rimas como “assim” e “camarim”. Sem nos atermos aos conceitos da métrica nem da estrutura de um poema, as experiências de leitura já estavam contribuindo para que os discentes atentassem para os procedimentos formais



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

recorrentes na poética de Castro Pinto e compreendessem como eles corroboram para os efeitos de sentido.

Aproveitamos essas inquietações para refletir juntamente com eles de que maneira esses recursos técnico-expressivos se revelavam nos poemas lidos. Essa foi a porta de entrada para que eles entendessem melhor os efeitos de sentido suscitados tanto na linguagem como no jogo de palavras e de imagens.

Continuamos a questionar quais significados o “palco” e o “camarim” assumiam. Decorrido isso, a aluna *Lu* argumentou que no palco o ator interpreta um personagem que ele não é, “não está natural, tal qual é”. Com relação ao camarim boa parte da turma defendeu que esse lugar é o que está por traz dos bastidores, cujo “ator é ele mesmo”.

Ao final da aula eles compreenderam que o palco e o camarim representam as várias faces do ser humano e percebemos que o estranhamento inicial na dinâmica, o envolvimento nas discussões e as contribuições dos discentes evidenciou que a poesia de Castro Pinto pode ser levada para a sala de aula e despertar muitas reflexões diante do homem e seus dilemas.

Nesse sentido, as observações, vivências, a antologia, a organização do mural poético e o sarau foram experiências que nos ajudaram a nos aproximar mais daqueles alunos. Mesmo após o experimento, continuamos lendo poemas e buscando novas abordagens metodológicas durante o restante de 2014.

Dentre os dados obtidos com o experimento em sala de aula, constatamos que no início da intervenção houve uma participação menor e até mesmo um estranhamento com poemas de Sérgio de Castro Pinto, tendo em vista a pouca familiaridade que eles tinham com a leitura de poesia. Já durante o segundo módulo houve um maior envolvimento dos discentes tanto em sala de aula como através do *facebook*, um espaço que evidenciou também que aqueles que pouco se manifestavam durante os encontros passaram a participar mais.

No terceiro módulo também verificamos como resultados alcançados uma aproximação mais afetiva entre os alunos e os poemas. Durante essa etapa da pesquisa



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

eles já demonstram uma autonomia quanto aos aspectos temáticos e já notavam a presença de recursos técnico-expressivos como rimas, repetições e o jogo sonoro. Muitos começam a se contrapor a determinadas ideias de colegas e pesquisaram por conta própria outros poemas de Sérgio de Castro Pinto.

Também observamos que alunos que não participavam começaram a se interessar pela leitura dos poemas, mostrando envolvimento durante a produção dos cartazes para compor o “mural poético”. No que diz respeito ao sarau, enfatizamos a contribuição que eles deram ao trazer poemas de outros autores, assim como a criatividade deles durante a dramatização.

Outro dado que também merece ser ressaltado foi a repercussão que a poesia teve na escola, mesmo depois que finalizamos a intervenção e o ano letivo. Alguns alunos iam nos visitar e diziam sentir falta das “aulas de poesia”. Eles ainda nos mandavam mensagens carinhosas demonstrando saudades dos encontros. Destacamos a situação em que uma aluna calada nas discussões nos mandou uma mensagem pelo *facebook* falando no quanto fomos uma professora marcante para ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, os resultados alcançados com essa pesquisa nos mostraram que é possível incentivar a formação de leitores de poesia a partir de procedimentos metodológicos diferenciados. Além do mais, outro fator que merece ser destacado durante essa intervenção, foi que o diferencial dessa pesquisa esteve atrelado ao fato de sermos pesquisadora e professora titular, simultaneamente. Cremos que o mérito desse trabalho esteve vinculado a oportunidade que tivemos em acompanhá-los durante todo o ano letivo, abrindo mão dos conteúdos fechados do livro didático para ler e discutir poesia.

Desse modo, encerramos essa caminhada observando que é possível estimular a formação de leitores de poesia na escola, mesmo que apareçam resistências no meio do



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

caminho. A experiência nos mostrou que o professor pode oferecer uma aproximação entre os alunos e a poesia quando planeja uma proposta metodológica prazerosa, lúdica e ao mesmo tempo sensibilizadora.

REFERÊNCIAS:

AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola: In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 63- 83.

COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética**. Trad. de Álvaro Lorencini e Anne Arnichand. São Paulo: Cultrix, 1974.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

JAKOBSON, Roman. O Dominante. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

_____, **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3. ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

Corpus:

PINTO, Sérgio de Castro Pinto. **O cristal dos verões, poemas escolhidos: 40 anos de poesia (1967- 2007)**. São Paulo: Escrituras, 2007.